

Temer propõe fusão dos partidos que apóiam FH

Presidente da Câmara defende um candidato único da situação em 2002 e unificação das legendas até 2006

Rico Almeida/4-5-2000

Jorge Bastos Moreno

• BRASÍLIA. O presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), defende a fusão de todos os partidos que integram a atual base parlamentar do Governo para que, em 2006, a agremiação dela resultante possa eleger o presidente da República. Essa fusão, segundo Temer, seria feita por etapas. Na primeira, os partidos escolheriam, já para a sucessão do presidente Fernando Henrique, um candidato único da aliança. Para isso, cada partido poderia até lançar seu candidato. Mais tarde, porém, segundo as chances de cada um, seria escolhido o nome mais viável e elaborado um programa de governo por todos os partidos. Uma outra etapa seria a fusão inicial do PMDB com o PSDB.

— Falo nessa fusão PMDB-PSDB com os cuidados que a proposta merece. Sei que haverá imensas dificuldades, até porque certos líderes partidários têm divergências entre si. Mas o que está em jogo é o interesse do país — diz Temer.

Temer já apresentou proposta a FH e Serra

O presidente da Câmara disse que já conversou sobre o tema com diversos interlocutores, entre eles o próprio Fernando Henrique e o ministro da Saúde, José Serra.

— O caminho natural é que, depois das eleições presidenciais de 2002, mantida a aliança, haja uma integração maior entre essas siglas partidárias para surgir um partido unifor-



FERNANDO HENRIQUE, ACM e Michel Temer: líderes dos três principais partidos da base governista

me. A vantagem é que haveria correntes de opinião bem definidas. Um estrangeiro, hoje, vendo o Congresso diria que há três partidos: um que vota a favor das reformas, outro que vota contra e um terceiro alternativo, que ora vota a favor, ora vota contra — afirmou.

Outra vantagem da fusão, segundo Temer, é que as dissidências se verificariam em menor intensidade. Em outras palavras, ainda que ele não tenha usado a expressão, a fusão representaria também o fim do caciquismo, ou seja, líderes regionais fortes que às vezes se sobrepõem ao partido.

A tese de Temer tem como premissa a reforma política

que, entre outras medidas, pretende consolidar o instituto da fidelidade partidária:

— A minha idéia de fidelidade partidária é que ela tem que ser por um período mínimo de três anos e meio. O eleito pelo partido não pode sair dele, a não ser no momento em que se abra o registro para a candidatura na próxima eleição — afirmou o deputado, que defende a tese de que o enxugamento partidário é útil tanto para o Governo como para a oposição:

— Não são poucas as vezes em que conseguimos o acordo entre partidos de situação e de oposição. Ora, isso ficaria mais fácil se, em vez de cinco,

seis, sete partidos de oposição e cinco, seis partidos de situação, tivéssemos um partido de cada lado. Essa interação seria mais fácil na produção legislativa e não criaria problemas que a divergência entre os partidos gera para a governabilidade.

O presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), considerou difícil a concretização da proposta de Temer, devido às divergências entre os partidos da aliança. Bornhausen concordou com a tese da manutenção da aliança para a sucessão de Fernando Henrique, inclusive nos moldes sugeridos por Temer, mas considerou inviável a fusão:

REAÇÕES À PROPOSTA

“Sei que haverá dificuldades, até porque há divergências entre líderes partidários. Mas o que está em jogo é o interesse do país”

MICHEL TEMER, • PRESIDENTE DA CÂMARA

“Acho mais fácil a fusão do PMDB com o PSDB do que a do PFL com o PPB. Há barreiras que considero intransponíveis”

JORGE BORNHAUSEN, • PRESIDENTE DO PFL

“Não acho que o fato de um partido dizer que quer ter o candidato à Presidência signifique hostilidade”

JOSÉ SERRA, • MINISTRO DA SAÚDE

— Acho mais fácil a fusão do PMDB com o PSDB, do que, por exemplo, a do PFL com o PPB. As dificuldades esbarram na identificação dos líderes de cada partido. Há, entre alguns deles, barreiras que considero intransponíveis.

Já Serra não quis entrar no mérito da tese de Temer, pelas mesmas razões dadas por Bornhausen. O ministro da Saúde chegou a admitir que, em relação à fusão PMDB-PSDB, a maior dificuldade é a divergência profunda entre os dois principais líderes estaduais desses partidos, o governador Mário Covas, pelo PSDB, e Orestes Quércia, do PMDB.

— Em São Paulo, como de

resto na maioria dos estados, nós do PSDB agimos de forma unitária, no caso, sob a liderança do governador Mário Covas — disse Serra, que no entanto concordou com a proposta de que os partidos da aliança lancem candidaturas próprias para depois escolherem um nome de consenso.

— No Chile, por exemplo, o impasse entre a democracia cristã e os socialistas chegou a tal ponto que eles organizaram prévias entre os militantes dos partidos integrantes da chamada Concertación. Foi uma fórmula. Aqui no Brasil, isso seria exagerado. Mas não me escandaliza que cada partido apresente sua postulação; dispondo-se a conversar e a organizar mecanismos que permitissem convergir para um único candidato da frente. Não acho que o fato de um partido dizer que quer ter o candidato à Presidência signifique hostilidade — afirmou Serra.

Aloysio propõe acordo para o segundo turno este ano

O ministro Aloysio Nunes Ferreira concorda quase que integralmente com a tese de Temer e até sugere que, já para as eleições municipais deste ano, os partidos da base que estejam disputando entre si estabeleçam um acordo de alianças para o segundo turno. Isso seria, o que fez o próprio presidente Fernando Henrique no jantar com o comando do PFL, quando garantiu o apoio do candidato tucano Geraldo Alckmin ao pefelista Romeu Tuma, caso este chegasse ao segundo turno. ■